

ANÁLISE DO DISCURSO

Suzana Oliveira Martins¹

Resumo

Este trabalho tem por finalidade discutir o Análise do Discurso e todas as teorias que o compõem. O objetivo é conhecer cada um dos elementos que fazem parte da constituição da Análise do Discurso e utilizar os conhecimentos adquiridos para melhor compreensão dos diversos tipos de discursos, assim como melhorar em nossa produção textual, já que toda produção textual é especificamente um discurso.

Palavras chaves: Discurso, Ideologia, Sujeito, Sentido.

Abstract

This work has for purpose to approach the theme of the Analysis of the Speech and all the theories that compose him. The objective is to know each one of the elements that they are part of the constitution of the Analysis of the Speech and to use the acquired knowledge for better understanding of the several types of speeches, as well as getting better in our textual production, since all textual production is specifically a speech.

Key words: Discourse, Ideology, Subject, Sense.

Considerações iniciais

Atribui-se o ponto de partida do estudo da linguagem à Saussure e sua célebre concepção dicotômica entre a língua e a fala. A partir desse marco, muitos outros estudos foram e ainda estão sendo realizados.

Apesar de a língua ser um fato social cuja existência se funda nas necessidades de comunicação, ela não pode ser vista como algo concreto, como manifestação individual de cada falante. Com isso, passa-se a buscar uma compreensão da linguagem não mais centrada na língua, mas em um nível diferente da dicotomia saussuriana. Surge assim o estudo do discurso, a partir da qual toda produção de linguagem pode ser considerada discurso.

A linguagem enquanto discurso não constitui um sistema de signos utilizados apenas para comunicação ou pensamento, ela é interação, um modo de produção social, é um lugar apropriado para a manifestação da ideologia. A linguagem é um lugar de conflito, de confronto ideológico, em que seus processos constitutivos são histórico-sociais, não podendo ser estudada fora da sociedade e nem de suas condições de produção.

Os anos 50 serão decisivos para a constituição de uma Análise do Discurso enquanto disciplina. Abordaremos a seguir, os tipos de Análises do Discurso existentes.

1. TIPOS DE ANÁLISES DO DISCURSO

Ao estudarmos as linguagens, as manifestações individuais e de grupo, os textos que nada mais são do que meros discursos, têm-se a necessidade de análises mais profundas, levando-se em consideração os vários tipos de discursos, as suas condições de produção etc., originando assim a Análise do Discurso. De acordo com Mussalim, há mais de um tipo de Análise do Discurso:

Ao falarmos da especificidade da AD que não há apenas uma Análise do Discurso (...), em decorrência dessa fronteira instável sobre a qual ele privilegia o contato, surgem diferentes “Análises do Discurso”. Classicamente considera-se que, se um delas mantém uma relação privilegiada com a História, com os textos de arquivo, que emanam as instâncias institucionais, enquanto uma outra privilegia a relação com a Sociologia, interessando-se por exemplo, têm-se duas “Análises do Discurso” diferentes: a Análise do Discurso de origem francesa, que privilegia o contato com a História, e a Análise do Discurso anglo-saxã, área bastante produtiva no Brasil, que privilegia o contato com a Sociologia. (MUSSALIM, 2003, p.113)

Ainda na obra de Mussalim, ela nos mostra a diferença entre essas duas “Análises do Discurso”:

O que diferencia a Análise do Discurso de Origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. (MUSSALIM, 2003, p.113)

Mas, segundo a autora, também se verifica semelhança entre as Análises do Discurso, havendo um elemento comum que diz respeito à própria especificidade da AD, o estudo da discursivação, o estudo das relações entre condições de produção dos discursos e seus processos de constituição.

¹ Acadêmica do VI Termo do Curso de Letras, Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena (AJES), Juína – MT . E-mail: suzanao20@hotmail.com

Iremos analisar neste artigo, a Análise do Discurso (AD) que teve sua origem na França, durante a década de 1960.

2. ORIGEM DA ANÁLISE DO DISCURSO

Não se sabe quem foi o fundador da disciplina da Análise do Discurso. Muitos atribuem sua origem a Jean Dubois e Michel Pêcheux, como nos informa Mussalim (2003), sendo que ambos partilhavam do Marxismo e da Política, das convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social. É sob o horizonte do Marxismo e da Linguística que nasce a Análise do Discurso.

Temos também o trabalho de Harris, informa-nos Brandão (2004), cujos estudos vão além das análises confinadas meramente à frase e os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste sobre a enunciação.

Os trabalhos de alguns desses autores apresentam a vertente teórica de uma Análise do Discurso de linha mais americana, em que considera frase e textos para análise e se diferenciam apenas em graus de complexidade, vendo o texto como forma redutora e não se preocupando com o sentido, mas com a forma de organização dos elementos que o constituem. Outros autores, de linha mais européia, partem de uma relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, recorrendo a conceitos exteriores ao domínio de uma linguística imanente para dar conta das unidades mais complexas da linguagem. Como dito anteriormente, é essa vertente da Análise do Discurso que iremos abordar.

A Análise do Discurso, abreviadamente AD, busca definir o seu campo de atuação, procurando analisar textos impressos. A AD inicialmente era definida como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado”, apoiando-se sobre conceitos e métodos da linguística. Mas só a linguística não é suficiente para marcar a especificidade da AD no interior dos estudos da linguagem e para isso será necessário considerar outras dimensões como a ideologia e o discurso.

Segundo Brandão (2004), Pêcheux, um dos estudiosos mais profícuos da AD, elabora seus conceitos através dos conceitos de Althusser, sobre a ideologia, e de Foucault, sobre o discurso. A seguir, analisaremos os conceitos de ideologia e discurso dados por esses e outros autores.

3. IDEOLOGIA

Para analisar a definição de ideologia dada por Althusser, primeiramente devemos conhecer a definição de ideologia dada por Marx e Engels, muito usada para a definição de ideologia por vários autores.

Dessa forma, se em Marx o termo “ideologia” parece estar reduzido a uma simples categoria filosófica de ilusão ou mascaramento da realidade social, isso decorre do fato de se tomar, como ponto de partida para a elaboração de sua teoria, a crítica ao sistema capitalista e o respectivo desnudamento da ideologia burguesa. A ideologia a que ele se refere é, portanto, especificamente a ideologia da classe dominante. (BRANDÃO, 2004, p.22)

Após a definição de Marx e Engels, podemos conhecer como funciona a ideologia de Althusser, também referida por Brandão:

(...) Althusser afirma que, para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismo de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. É aí então que entra o papel do Estado que, através de seus Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões et.) e Aparelhos Ideológicos – AIE – (compreendendo instituições tais como: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação), intervém ou pela repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominante a submeter-se às relações e condições de exploração. (BRANDÃO, 2004, p.23)

Para complementar a definição de ideologia, Brandão (2004) também afirma, conforme as palavras de Althusser, que toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeito, exercendo papel importante no funcionamento de toda ideologia. É através dos rituais materiais da vida cotidiana que a ideologia opera a transformação dos indivíduos em sujeitos e como categoria constitutiva da ideologia será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível.

4. DISCURSO

Para expressar a sua ideologia, o sujeito faz uso dos discursos, nos quais, segundo Brandão(2004) em sua contribuição dada por Foucault, discursos são

como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva (“um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”), para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. E a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção de proposição e de frase (...), concebendo-o como a unidade elementar, básica que forma o discurso. O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. (BRANDÃO, 2004, p.33)

E para a constituição dos enunciados, Foucault enumera quatro características, em que a primeira diz respeito à relação do enunciado com o referencial, que é aquilo que o enunciado enuncia e a segunda característica diz respeito à relação do enunciado com seu sujeito, na qual, para Foucault,

o sujeito do enunciado não é causa, origem ou ponto de partida do fenômeno de articulação escrita ou oral de um enunciado e nem a fonte ordenadora, móvel e constante, das operações de significação que os enunciados viriam manifestar na superfície do discurso. (BRANDAO, 2004, p.35)

Podemos encontrar a explicação para essa definição de Foucault em relação ao sujeito e seus enunciados em Mussalim, que nos mostra que

a partir da descoberta do inconsciente por Freud, o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu estatuto de entidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção freudiana de sujeito clivado dividido entre o consciente e inconsciente. (MUSSALIM, 2003, p.107)

Diante disso, segundo Mussalim (2003), Lacan faz uma releitura de Freud recorrendo ao estruturalismo de Saussure e Jakobson, em uma tentativa de abordar com mais precisão o inconsciente. Para ele, o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes, como se houvesse sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse atravessado pelo discurso do Outro, do inconsciente. O inconsciente é o lugar desconhecido, estranho, enfim do Outro e em relação ao qual o sujeito se define, ganha identidade. Para Lacan, o sujeito é visto como uma representação da ordem da linguagem, e a linguagem é a condição do inconsciente.

O estudo do discurso para a AD, como nos mostra Mussalim, inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Sendo assim,

o sujeito Lacaniano, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecia para a AD uma teoria do sujeito condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico não-consciente. Calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (...), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. (MUSSALIM, 2003, p.111)

Ainda na questão do sujeito, na presença do Outro no discurso, Mussalim trata da questão da heterogeneidade constitutiva do discurso, apontando três tipos de heterogeneidade abordada por Authier-Revuz, nos quais estão

- a) aquela em que o locutor ou usa das suas próprias palavras para traduzir o discurso de um Outro (discurso relatado) ou então recorta as palavras do Outro e as cita (discurso direto);
- b) aquela em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso, por meio, por exemplo, de aspas, de itálico, de uma remissão a outro discurso, sem que o fio discursivo seja interrompido;
- c) aquela em que a presença do Outro não é explicitamente mostrada na frase, mas é mostrada no espaço implícito, do sugerido, como nos casos do discurso indireto livre, da antífrase, da ironia, da imitação, da alusão. (MUSSALIM, 2003, p.135)

A terceira característica dada por Foucault, segundo Brandão (2003), é a que diz respeito à existência de um domínio, ou seja, a associação de um enunciado a um conjunto de enunciados, onde ele afirma que não existe um enunciado isolado. Em um enunciado podem estar presentes um ou mais enunciados de outros discursos, ou seja, um enunciado, um discurso, baseia-se em outros enunciados ou discursos na sua enunciação.

A quarta característica dada por Foucault refere-se à sua condição material. Brandão, nos mostra como caracterizar essa materialidade dita por Foucault:

Para caracterizar essa materialidade, Foucault faz uma distinção entre enunciado e enunciação. Esta se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos; enquanto a enunciação se marca pela singularidade, pois jamais se repete, o enunciado pode ser repetido. Hipoteticamente, enunciações diferentes podem encerrar o mesmo enunciado. No entanto, como a repetição de um enunciado depende de sua materialidade, que é de ordem institucional, isto é, depende de sua localização em um campo institucional, uma frase dita no cotidiano, inserida num romance ou inscrita num outro tipo qualquer de texto, jamais será o mesmo enunciado, pois em cada um desses espaços, possui uma função enunciativa diferente. (BRANDAO, 2004, p.36)

Na construção de um discurso são utilizados muitos outros elementos que devem ser levados em consideração e analisados com mais precisão e cautela. Segundo as definições de Pêcheux, citadas por Brandão,

Se o processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui, o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da Análise do Discurso. (BRANDAO, 2004, p.42)

Pêcheux fala sobre a Formação Discursiva e a Formação Ideológica na construção do discurso, fala também das condições de produção que levam a produção de um discurso. Conheceremos agora o que são cada um desses itens e a sua grande importância para a construção do discurso.

5. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Como foi mencionado anteriormente, a construção de um discurso pelo sujeito depende de suas condições de produção, sendo que o que garante a especificidade da Análise do Discurso, segundo Mussalim,

(...) é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros. (MUSSALIM, 2003, p.112)

O conceito de condições de produção é o que formulará e reformulará os procedimentos de análise e o objeto de estudo da AD. As condições de produção é o que caracteriza o discurso e o constituem como objeto de análise.

Segundo Brandão (2004), foi Pêcheux quem tentou fazer a primeira definição empírica geral da noção de condição de produção, inscrevendo a noção do esquema informacional da comunicação elaborada por Jakobson, colocando em cena os protagonistas do discurso e o seu referente, permitindo compreender as condições (históricas) da produção de um discurso. Pêcheux, segundo Brandão, vê “nos protagonistas dos discursos não a presença física de ‘organismos humanos individuais’, mas a representação de lugares determinados na estrutura de uma formação social” (BRANDÃO, 2004, p. 45).

Para Pêcheux, segundo Brandão,

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (BRANDÃO, 2004, p.44)

Brandão (2004, p.44) complementa a teoria de Pêcheux utilizando as palavras de Courtine, para quem “os termos imagens ou formação imaginária poderia perfeitamente ser substituído pela noção de papel tal como é utilizada nas teorias do papel herdadas da sociologia funcionalista de Parsons, ou ainda do interacionismo psicossociológico de Goffman”.

Brandão (2004) apresenta a definição de Courtine para condições de produção, na qual ele propõe que estas não sejam atraídas por determinações históricas dos discursos, transformando-as em simples circunstâncias onde interagem os sujeitos do discurso, constituindo a fonte de relações discursivas das quais são o portador ou o efeito. Courtine redefine a noção de condição de produção ligada à análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos e articulada teoricamente com o conceito de formação discursiva.

6. FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Na constituição do discurso, além da importância das condições de produção na qual é produzido, tem grande importância também a Formação Discursiva e Ideológica. Mussalim (2003), ao descrever o que é Formação Discursiva, menciona a definição dada por Foucault, na qual ele a define

como um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercícios da função enunciativa.²

Utilizando outras palavras, Mussalim (2003) complementa a teoria dada por Foucault, afirmando que uma formação discursiva

determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Assim uma formação discursiva é marcada por regularidades, ou seja, por “regras de formação”, concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva. (MUSSALIM, 2003, p.119)

Diante dessa definição, Mussalim deixa claro que as formações discursivas sempre se correspondem com outras Formações Discursivas para a sua concepção, ela se baseia em outras Formações Discursivas para elaborar seu próprio discurso. Sendo assim, uma Formação Discursiva é atravessada pelo *pré-construído*, definição dada por Pêcheux, na qual ele a define como discursos que vieram de outro lugar e que são incorporados por ela em uma relação de confronto ou aliança. Pode-se dizer que uma Formação Discursiva é constituída por paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados.

² MAINGUENEAU, D. Novas tendências em Análise do Discurso. 3. ed. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1997, p. 14 apud MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Para melhor explicar e complementar as definições dadas Pêcheux, Mussalim (2003) utiliza as palavras de Maingueneau, que considera que uma Formação Discursiva não pode ser compreendida como um bloco compacto e fechado, mas que é definida a partir de uma incessante relação com o Outro. Para ele, a unidade de análise não é o discurso e sim o espaço de troca entre vários discursos.

Segundo as palavras de Mussalim, Maingueneau define como Campo Discursivo

o conjunto de formações discursivas com mesma função social que se encontra em concorrência, aliança ou neutralidade aparente e que divergem sobre o modo pelo qual tal função deve ser preenchida – através do qual o sujeito do discurso circula se caracterizar essencialmente por ser um espaço interdiscursivo. (MUSSALIM, 2003, p.130)

Voltando ao conceito de Formação Discursiva, a heterogeneidade constitutiva do discurso, segundo Mussalim, o impede de ser um espaço estável, fechado, homogêneo, inserindo-o em um espaço controlado, demarcado pelas possibilidades de sentido que a Formação Ideológica pela qual é governado lhe concede. Uma Formação Discursiva sofre coerção das Formações Ideológicas em que está inserida. Assim, o que irá ser dito já está previsto, porque o espaço interdiscursivo se caracteriza pela defasagem entre uma e outra Formação Discursiva.

Mussalim utiliza o conceito dado por Haroche e Pêcheux citado na obra de Brandão para explicar o que é formação ideológica:

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras.³

Nas palavras de Mussalim (2003), o conceito de Formação Discursiva é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Uma Formação Discursiva é governada por uma Formação Ideológica e como uma Formação Discursiva é um dos componentes de uma Formação Ideológica específica, ela é um espaço de embates, de lutas ideológicas.

Para complementar a questão de Formação Ideológica e de Formação Discursiva, Brandão (2004) afirma, complementando as palavras de Mussalim, que “a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas”. (BRANDÃO, 2004, p. 47)

Dentro das relações existentes entre a Formação Ideológica e a Formação Discursiva, destaca-se a importância do sujeito na formação do discurso. A seguir, apresentaremos conceitos abordados por diversos autores sobre a relação do sujeito com o discurso e com a ideologia, que é chamado de assujeitamento ideológico.

7. SUJEITO E O ASSUJEITAMENTO IDEOLÓGICO

Quando falamos na autoria dos discursos, sobre de quem é a fala e o conteúdo abordado nos mesmos tem se a concepção de que ela pertence ao sujeito, de que é opinião do próprio autor, porém não é essa a concepção da Análise do Discurso. Quando se trata do discurso, em relação ao seu autor, segundo as palavras de Mussalim (2003, p.119), o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala, “como fonte do próprio discurso, (...) quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia”.

Mussalim explica como funciona a relação do sujeito com o discurso e a ideologia utilizando as palavras de Foucault, citadas em sua obra:

O sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. (...) O sujeito apesar de desempenhar diversos papéis, não é totalmente livre; ele sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social, (...) que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali, ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso. (MUSSALIM, 2003, p.133)

Diante dessa concepção de que o sujeito não é o senhor de sua vontade, sofre as coerções de uma Formação Ideológica e Discursiva, ou é submetido à sua própria natureza inconsciente, surge a questão da interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, que consiste em fazer com que cada indivíduo, sem que ele tenha consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade, seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social.

³ HAROCHE, C., Henry & PÊCHEUX, M. La sémantique et La coupure saussuriense: langue, langage, discours. Langage. Paris, Didier-Larrouse, n. 24, 1971 apud BRANDÃO, H. N, Introdução à Análise do discurso. 7.ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1998, p. 38 apud MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 124.

Com as palavras de Pêcheux e Fuchs, Mussalim (2003), complementa a questão da interpelação ou assujeitamento do sujeito:

O sujeito se ilude duplamente: a) por “esquecer-se” de que ele mesmo é assujeitado pela formação discursiva em que está inserido ao enunciar (esquecimento n. 1); b) por crer que tem plena consciência do que diz e que por isso pode controlar os sentidos de seu discurso (esquecimento n. 2). Esses dois esquecimentos estão constitutivamente relacionados ao conceito de assujeitamento ideológico, ou interpelação ideológica, que consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social. (MUSSALIM, 2003, p.135)

Diante dessa ilusão, Mussalim, utilizando as palavras de Pêcheux, ainda ressalta:

O sujeito não pode ter acesso às reais condições de produção de seu discurso devido à inconsciência de que é atravessado e ao próprio conceito de discurso com o qual trabalha a AD - uma teoria materialista da discursividade -, representa essas condições de maneira imaginária. É o que Pêcheux chama de jogo de imagens de um discurso. (MUSSALIM, 2003, p.136)

De acordo com essa teoria de Pêcheux, Mussalim explica como é essa relação de jogo de imagens:

Esse jogo de imagens, mesmo estabelecendo as condições de produção do discurso, ou seja, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa e das representações que faz ao anunciar, não é preestabelecido antes que o sujeito enuncie o discurso, mas este jogo vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, a própria opção do que dizer já é em si determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo. (MUSSALIM, 2003, p.137)

Para finalizar a questão do jogo de imagens, Mussalim (2003) ressalta que “é nesse sentido que o jogo de imagens faz parte das condições de produção de um discurso, na medida em que as imagens que o sujeito vai construindo ao enunciar vão definindo e redimindo o processo discurso”. (MUSSALIN, 2003, p. 138)

Assim como os discursos são construídos através de uma ideologia, de formações discursivas e ideológicas, das condições de produção e da participação do sujeito embora de maneira inconsciente através do assujeitamento ou interpelação ideológica, não podemos deixar de falar do sentido dos discursos. Mussalim nos informa

A Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto-histórico. (...) O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos. (MUSSALIM, 2003, p.123)

Para finalizar nossos estudos sobre Análise do Discurso, podemos utilizar as palavras de Mussalim, que resumem de maneira sucinta como é feita a construção do sentido de um discurso:

Para a AD o que está em questão não é o sujeito em si; o que importa é o lugar ideológico de onde enunciam os sujeitos. (...) Dessa forma, apesar do caráter constitutivamente heterogêneo do discurso, não se pode concebê-lo como livre de restrições. O que é e o que não é possível de ser enunciado por um sujeito já está demarcado pela própria formação discursiva na qual está inserida. Os sentidos possíveis de um discurso, portanto, são sentidos demarcados, preestabelecidos pela própria identidade de cada uma das formações discursivas colocadas em relação no espaço interdiscursivo. No entanto, apesar dos sentidos possíveis de um discurso estarem preestabelecidos, eles são constituídos a priori, ou seja, eles não existem antes dos discursos. O sentido vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso. Não existe, portanto, o sentido em si, ele vai sendo determinado simultaneamente às posições ideológicas que vão sendo colocadas em jogo na relação entre as formações discursivas que compõem o interdiscurso. (MUSSALIM, 2003, p.131)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram abordadas neste artigo algumas questões básicas sobre a Análise do Discurso, mais especificamente a Análise do Discurso de origem francesa (AD), para um breve conhecimento dos seus conceitos. Mas tudo sem muito aprofundar, pois os conceitos de Análise do Discurso vão muito mais além do que essas simples palavras, sendo necessários mais estudos, mais pesquisas, devido à grande quantidade de autores que procuram explicar seus conceitos, onde cada um possui a sua versão, a sua explicação e a sua teoria.

Ao entrar em contato com a Análise do Discurso, percebe-se que todos os seus conceitos possuem alguma característica em comum e de alguma forma estão interligados, participando da constituição do processo de enunciação, da construção do discurso. Vale relembrar aqui alguns das partes constitutivas do discurso: Ideologia, Formação Discursiva e Formação Ideológica, sentido, condições de produção, sujeito, etc., sendo que cada um deles vai se constituindo durante o processo de enunciação.

A Análise do Discurso é uma disciplina que possui em seus estudos a interdisciplinaridade, ou seja, a participação de determinadas áreas das ciências humanas, como a História, a Sociologia, a Psicanálise e também de tendências desenvolvidas dentro da própria Linguística, como a Semântica da Enunciação e a Pragmática.

Devido a essa interdisciplinaridade, a Análise do Discurso é uma disciplina em constante crescimento, de onde decorre a constitutividade dos próprios conceitos que a fundamentam.

O conhecimento sobre os conceitos da Análise do Discurso é muito importante e muito nos ajuda também na compreensão dos discursos, dos textos, levando-se em consideração todos os aspectos que foram utilizados na sua constituição, tornando-nos capazes de reconhecê-los no discurso e com isso também nos leva a produzir discursos muito bem elaborados, colocando todos os aspectos que constituem um discurso no nosso próprio discurso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev., Campinas: Editora Unicamp, 2004.

HAROCHE, C., Henry & PÊCHEUX, M. La semantique et La coupure saussurienne: langue, langage, discours. Langage. Paris, Didier-Larrouse, n. 24, 1971 apud BRANDÃO, H. N, Introdução à Análise do discurso. 7.ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1998, p. 38 apud MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 124.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em Análise do Discurso. 3. ed. Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1997, p. 14 apud MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-52.